

O QUE A EDUCAÇÃO DEVE FAZER DIANTE DA CRISE?

[WHAT SHOULD EDUCATION DO IN THE FACE OF THE CRISIS?]

Harley Juliano Mantovani

harleybrief@yahoo.com.br

<https://orcid.org/0000-0002-3587-5785>

Possui doutorado em Filosofia pela Universidade Federal de Goiás, com a tese defendida em dezembro de 2017. Atualmente é professor de Filosofia do Departamento de Formação Geral do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG), Campus Leopoldina. Em 2021, publicou o e-book Crítica da razão prometeica: o impulso pós-civilizatório da civilização.

DOI: [10.25244/tf.v16i2.6036](https://doi.org/10.25244/tf.v16i2.6036)

Recebido em: 2 de abril de 2024. Aprovado em: 14 de maio de 2024

Caicó, ano 16, n. 2, 2023, p. 239-260
ISSN 1984-5561 - DOI: [10.25244/tf.v16i2.6036](https://doi.org/10.25244/tf.v16i2.6036)
Dossiê Gadamer - Fluxo Contínuo



O que a educação deve fazer diante da crise?

MANTOVANI, H. J.

Resumo: Neste artigo buscamos avaliar e defender a importância da educação para a luta contra a crise que ameaça a sociedade. Trabalhamos essa crise como uma manifestação da cumplicidade entre o capitalismo e o fascismo, entendidos como movimentos contrários à socialização. Portanto, na luta contra a crise, a educação deve se apresentar como uma atividade responsável pela socialização, que começa pela recuperação do indivíduo, cuja doença é um alimento para a barbárie. E mostramos que esse enfraquecimento do indivíduo pode ser vencido por meio da recordação e da valorização da Terra. Defendemos que, para realizar a sua tarefa social e política, a educação precisa ser um exercício autônomo e crítico e, por esse motivo, a base teórica da nossa reflexão foi a obra *Educação e emancipação*, de Theodor Adorno.

Palavras-chave: Adorno. Educação. Crise. Fascismo. Capitalismo

Abstrac: In this article we seek to evaluate and defend the importance of education in the fight against the crisis that threatens society. We work this crisis as a manifestation of the complicity between capitalism and fascism, understood as movements contrary to socialization. Therefore, in the fight against the crisis, education must be presented as an activity responsible for socialization, which begins with the recovery of the individual, whose illness is food for barbarism. And we show that this weakening of the individual can be overcome by remembering and valuing the Earth. We argue that, in order to carry out its social and political task, education needs to be an autonomous and critical exercise and, for this reason, the theoretical basis of our reflection was Theodor Adorno's work *Education and Emancipation*.

Keywords: Adorno. Education. Crisis. Fascism. Capitalism.

INTRODUÇÃO

Este texto se configura somente como uma reflexão inicial sobre a educação confrontada por um contexto de crise social, política e civilizacional. Tivemos por objetivo geral pensar como a educação deve se constituir e qual deve ser a sua tarefa diante de uma crise multifacetada. Para realizar esse propósito nos orientamos fundamentalmente pela obra *Educação e emancipação*, de Theodor Adorno. Ao longo do nosso empreendimento ficou demonstrado que a crise, cuja manifestação mais aguda desemboca na barbárie, além de antipolítica, funciona como um processo de dessocialização que começa por enfraquecer e aniquilar o indivíduo tornando-o suscetível à manipulação ideológica responsável pela formação das massas. Para impedir e reverter esse processo de degenerescência social e política, vimos que a educação precisa de, primeiramente, se libertar de valores coercitivos extrapedagógicos a fim de se apresentar capaz de contribuir para a construção política de uma socialização mais digna e verdadeira. Em outros termos, lutando contra a crise, que impõe um apagamento político da sociedade, a educação crítica e emancipadora precisa recuperar e fortalecer o indivíduo tornando-o capaz de exercer sua cidadania de modo autônomo e autodeterminante. Dessa forma, promovendo e preservando a existência social e política do indivíduo, a educação aceita a lutar contra a barbárie, encontrando nessa tarefa a sua razão de ser.

Começamos a refletir sobre o sentido e a tarefa da educação ressaltando que, atualmente, a identidade humana está em crise devido ao seu menosprezo e afastamento da Terra. Esse desenraizamento da humanidade, que é uma consequência do capitalismo, potencializa o seu desaparecimento ecológico. Por isso, a educação precisa restituir a cidadania terrena do ser humano, cujo modelo ela pode encontrar no super-homem nietzschiano que, de certa forma, enquanto andarilho, pode ser compreendido como *cidadão da Terra*. Esse tipo de cidadania pressupõe a emancipação do sujeito. Por isso, na sequência começamos a identificar a fraqueza e o adoecimento do eu, com o objetivo de delinear a atuação da educação. Isto nos levou a expor a natureza antissocial da barbárie e, a partir daí, pensamos como a educação pode assumir uma atuação terapêutica na sociedade, que começa por combater a crise do indivíduo. Por fim, sem termos pretendido apresentar o marxismo e o super-homem nietzschiano como respostas fáceis e definitivas, expomos, de modo apenas inicial e indicativo, porque os consideramos como remédios indispensáveis para uso da terapêutica educacional.

1 A CIDADANIA TERRESTRE COMO PREOCUPAÇÃO DA EDUCAÇÃO DO FUTURO

Ao refletir sobre as exigências da educação do futuro, Edgar Morin sugere que sua principal tarefa será a de reverter o desenraizamento da humanidade ocasionado pela planetarização que, de acordo com ele, é um fenômeno da modernidade que teve início no século XVI. Vinculada fortemente às navegações europeias colonizadoras, a planetarização foi engendrada por violência, guerras, mortes e destruição. Além disso, um pouco mais tarde, “a planetarização provoca, no século XX, duas guerras mundiais, duas crises econômicas mundiais e, após 1989, a generalização da economia liberal denominada mundialização” (MORIN, 2000, p. 67). Não é difícil e muito

O que a educação deve fazer diante da crise?

MANTOVANI, Harley Juliano

menos arbitrário ver nessas palavras que a planetarização está por trás da intensificação da acumulação capitalista predatória e da barbárie dos fascismos do século passado.

O século XX foi o da aliança entre duas barbáries: a primeira vem das profundezas dos tempos e traz guerra, massacre, deportação, fanatismo. A segunda, gélida, anônima, vem do âmago da racionalização, que só conhece o cálculo e ignora o indivíduo, seu corpo, seus sentimentos, sua alma, e que multiplica o poderio da morte e da servidão técnico-industriais (MORIN, 2000, p. 70).

Nesses termos, a planetarização, gestada pela racionalização moderna, gélida, anônima e calculista, ao anular o indivíduo entregando-o à servidão técnico-industrial, nos coloca diante da possibilidade da morte ecológica, pois ocorre também que “a dominação desenfreada da natureza pela técnica conduz a humanidade ao suicídio” (MORIN, 2000, p. 71).

É para evitar essa catástrofe da barbárie intrínseca à planetarização que Morin defende que a educação do futuro deve, já agora, propiciar o cultivo da “cidadania terrestre” e, buscando reverter o desenraizamento que empobrece e adocece o indivíduo humano, a educação precisa resgatar a identidade terrena da humanidade. Trata-se de fazer o indivíduo recobrar a consciência das suas raízes telúricas por meio da qual ele alcança sua identidade humana de cidadão da Terra-pátria. Naturalmente, esse processo educacional pressupõe também a consideração da Terra como “casa e jardim comuns da humanidade”. Como se nota, para Morin, combatendo a sustentação comum do capitalismo e da barbárie, a educação do futuro deverá recuperar e fortalecer a consciência da nossa filiação afetiva em relação à Terra, que é essencialmente ecológica, pois, de acordo com Morin, ela é “a consciência de habitar, com todos os seres mortais, a mesma esfera viva (biosfera)” e, desse modo, ela nos torna capazes de reconhecer que nossa união consubstancial com a biosfera deve nos conduzir “ao abandono do sonho prometeico do domínio do universo para nutrir a aspiração de convivibilidade sobre a Terra” (MORIN, 2000, p. 76). Mas por que a civilização educacional da Terra torna possível a verdadeira humanidade liberta da escravidão e da destrutividade do progresso que representa, atualmente, a manifestação temível da doença congênita da racionalidade moderna?

Ao transformar e absorver a Terra como material pedagógico, a educação se posiciona contra o capitalismo e o fascismo provenientes da planetarização moderna. Doravante, a educação deve lutar para realizar o que disse Zaratustra quando ele falava do vir a ser futuro do povo eleito e do super-homem: “Em verdade, um local de cura ainda se tornará a terra! E já a envolve um novo aroma, um aroma que traz saúde – e uma nova esperança!” (NIETZSCHE, 2011, p. 75). Assim é que a educação substitui a crise e o desespero pela saúde e a esperança.

Enfim, entendemos que a luta contra o capitalismo e a barbárie é atualmente indissociável de uma luta ecológica e, por isso, a educação deve desvelar e mobilizar a potencialidade anticapitalista e antifascista da ecologia, se esta defender uma Terra que é doação gratuita e comum, pois o que hoje é gratuito e comum é também subversivo. No entanto, precisamos tomar cuidado para não cairmos numa tentadora mitologia da natureza que seria cúmplice do próprio capitalismo. Quanto a isso, vale ressaltar o alerta de João Bernardo, cuja obra merece ser consultada atentamente:

O que a educação deve fazer diante da crise?

MANTOVANI, Harley Juliano

Por todo o lado a ideologia rural serve de biombo a uma política decididamente urbana e a industrialização prossegue ao som da lira campestre. Em regra, quanto mais uma se desenvolve no plano econômico e social tanto mais se afirma a outra no plano ideológico. O capitalismo assimilou a ecologia enquanto um dos elementos do seu dinamismo. Por isso o Terceiro Reich, que se contava entre os países com a infraestrutura mais avançada e as técnicas produtivas mais inovadoras, foi também aquele onde o mito camponês atingiu as proporções mais delirantes (BERNARDO, 2015, p. 1370)¹.

Para nós, a recuperação do sentido da Terra, que coincide com a realização do superhomem nietzschiano, tem o propósito de evitar o avanço da desertificação de toda exterioridade, incluindo as relações sociais, e da própria interioridade humana em suas dimensões racional e afetiva. Neste caso, agindo como uma bloqueadora da esterilização humana produzida pelo capitalismo, a Terra é para nós o símbolo de uma fertilidade própria dos horizontes, cujas possibilidades revigoram e renovam não apenas os pensamentos e as relações, mas também, antes deles, o ânimo e as esperanças.

2 A IMPORTÂNCIA DA LUTA PELA EMANCIPAÇÃO DO SUJEITO

A exigência que Auschwitz não se repita é a primeira de todas para a educação (...). Justificá-la teria algo de monstruoso em vista de toda monstruosidade ocorrida. Mas a pouca consciência existente em relação a essa exigência e as questões que ela levanta provam que a monstruosidade não calou fundo nas pessoas, sintoma da persistência da possibilidade de que se repita no que depender do estado de consciência e de inconsciência das pessoas. Qualquer debate acerca de metas educacionais carece de significado e importância frente a essa meta: que Auschwitz não se repita. Ela foi a barbárie contra a qual se dirige toda a educação (ADORNO, 2010a, p. 119).

Como podemos observar, se para Adorno a tarefa da educação consiste em impedir a repetição de Auschwitz, então, através da sua luta necessária contra a barbárie produtora de tamanha monstruosidade, a educação precisa entender e combater as condições objetivas e subjetivas desse acontecimento monstruoso e absurdo. A luta para evitar a repetição de Auschwitz é também uma luta contra a barbárie. A recomendação feita por Adorno nos desperta inquietações

¹ Entretanto, o uso capitalista da ecologia não consegue ocultar a preponderância ideológica do racismo e do antissemitismo capitalistas: “Quando sabemos que os eugenistas colocavam os métodos de aperfeiçoamento biológico da raça humana no mesmo plano das melhorias a introduzir na criação do gado e na cultura seletiva das plantas e quando recordamos que eram muito estreitos os contatos entre as associações de criadores de gado e as sociedades eugenistas, compreendemos a íntima relação existente entre o racismo e a ecologia na doutrina hitleriana. Preservar a natureza e preservar a raça, tudo isto era integrado pelos nacionais-socialistas numa só esfera ideológica” (BERNARDO, 2015, p. 1371-2).

O que a educação deve fazer diante da crise?

MANTOVANI, Harley Juliano

porque, justamente por fazê-la, ele parece acreditar na possibilidade de repetição da monstruosidade. Ante essa ameaça precisamos refletir sobre a educação, mas, de antemão, dizemos que ela falha em sua tarefa se ela mesma não se constitui, já de início, como uma atividade autônoma e crítica indispensável para a luta tanto por emancipação humana quanto por acesso equitativo a direitos básicos, sociais e existenciais.

A recomendação de Adorno, que funciona também como um incisivo alerta, se baseia na ideia de que o passado, que se pretende esquecer e perdoar, continua muito vivo. A esse respeito, ele afirma o seguinte: “O nazismo sobrevive, e continuamos sem saber se o faz apenas como fantasma daquilo que foi tão monstruoso a ponto de não sucumbir à própria morte, ou se a disposição pelo indizível continua presente nos homens bem como nas condições que os cercam” (ADORNO, 2010b, p. 29). Para ela realizar bem a sua tarefa, a educação não pode ceder a uma mistificação e, ao invés de acreditar em fantasmas, ela deve investigar e desvendar como a monstruosidade se manifesta e se oculta nas condições subjetivas e objetivas do tecido social.

Para ajudar a evitar que Auschwitz se repita, a educação deve considerar atentamente o processo civilizatório para identificar o que nele mesmo é anticivilizatório. Aqui, Adorno se refere aos escritos de Sigmund Freud, *O mal-estar na cultura e Psicologia das massas e análise do eu*, como meio de justificar a tese de que “a barbárie encontra-se no próprio princípio civilizatório”. Sendo assim, uma vez que a barbárie é gestada no seio mesmo do processo civilizatório, Auschwitz não pode ser considerado um acaso, um mero desvio superficial, ou um infeliz deslize do curso histórico da humanidade ocidental “que não importa, em face da tendência dominante do progresso, do esclarecimento, do humanismo supostamente crescente” (ADORNO, 2010a, p. 120). Ao contrário, é preciso que a educação entenda e exponha como essa “tendência dominante”, que ainda nos influencia, trazia indissociável da sua própria essência o genocídio e o assassinato planejado de milhões de pessoas inocentes.

Preocupado em tentar entender como foi possível algo tão absurdo como Auschwitz, Adorno não deixa de considerar as motivações subjetivas ou psicológicas que levaram as pessoas a cederem tão surpreendentemente ao coeficiente anticivilizatório da nossa civilização. Para ele, inclusive a educação precisa se atentar para essa dimensão subjetiva a fim de combater e transformar os impulsos ou mecanismos psicológicos que podem se traduzir em agressividade incontida. A esse respeito, Adorno reflete:

É preciso reconhecer os mecanismos que tornam as pessoas capazes de cometer tais atos, é preciso revelar tais mecanismos a elas próprias, procurando impedir que se tornem novamente capazes de tais atos, na medida em que se desperta uma consciência geral acerca desses mecanismos (...). A educação tem sentido unicamente como educação dirigida a uma autorreflexão crítica (2010a, p. 121).

A ausência de consciência desses mecanismos nos deixa suscetíveis a atos pelos quais seremos qualificados de culpados. A educação não pode permitir esse tipo de ausência de consciência própria das pessoas que não se dispõem e não suportam a reflexão crítica sobre elas mesmas. Porém, sem essa autorreflexão crítica que deve ser propiciada pela educação, nos falta o princípio subjetivo pelo qual resistimos à escravização da barbárie. Em consonância com isso, Adorno afirma que “o único poder efetivo contra o princípio de Auschwitz seria autonomia, para usar a expressão kantiana; o poder para a reflexão, a autodeterminação, a não-participação” (2010a,

O que a educação deve fazer diante da crise?

MANTOVANI, Harley Juliano

p. 125). A autocrítica transforma a reflexão numa potência por meio da qual o sujeito autônomo manifesta o seu poder imprescindível de autodeterminação e de dizer não à coletividade anticivilizatória. Nesses termos, é preciso que a educação, alimentando-a com a crítica rebelde e insurrecional, mantenha a reflexão como um poder de que o sujeito dispõe para resistir às seduções da barbárie intrínseca à tendência e à ordem dominantes e impositivas do processo civilizatório. Nessas condições, não é difícil perceber que o princípio de Auschwitz adquiriria preponderância e domínio em uma reflexão que deixou de ser potência e, conseqüentemente, perdeu o seu poder de vencer a heteronomia e de se libertar. Por tais razões, a educação deve combater a irreflexão que leva o indivíduo a viver uma integração cega a uma coletividade opressora, asfixiante e problemática, e o seu sucesso nessa tarefa não passa pela valorização e aplicação da severidade. Ou seja, a educação não pode se basear na força, na virilidade e numa disciplina rígida que disfarça muito mal o seu sadomasoquismo. Neste caso, a educação contribuiria para a promoção generalizada da indiferença que irá constituir o amorfismo social das massas.

Contra esse perigo da deformação e da indiferença, deve-se promover e fortalecer a capacidade de autodeterminação dos sujeitos humanos assim como fazê-los cultivar as suas emoções, porque a repetição de Auschwitz carece também de um determinado tipo de personalidade que possui um caráter manipulador e narcisista. Além disso, fechada em seu culto pela eficiência, e recusando as experiências, essa personalidade caracteriza uma consciência que coisifica e a si mesma e os outros. E aqui é preciso dizer que “experiência” vai além da capacidade formal de pensar que define certa racionalidade. A educação não pode fechar o sujeito no formalismo do pensamento, ela deve lhe proporcionar experiências mediante as quais o pensamento sai do seu formalismo e encontra a realidade, aquilo que o questiona, o que não é ele. A apresentação do não-pensamento que desestabiliza e abre o pensamento faz parte da tarefa pedagógica, pois esse contato com o diferente enriquece e fortalece a capacidade de pensar que assim não se perde em alienações desenraizadas da realidade. Quanto a isso, Adorno diz:

Este sentido mais profundo de consciência ou faculdade de pensar não é apenas o desenvolvimento lógico formal, mas ele corresponde literalmente à capacidade de fazer experiências. Eu diria que pensar é o mesmo que fazer experiências intelectuais. Nesta medida e nos termos que procuramos expor, a educação para a experiência é idêntica à educação para a emancipação (2010c, p. 151).

Nota-se, primeiramente, o poder pedagógico da experiência. Ela não representa uma rejeição ou negação do pensamento, mas, antes, uma exigência de aprofundamento crítico da consciência, que não se faz através de um pensamento que, recusando a se impor experiências, busca apenas afirmar a si mesmo em termos lógicos formais. Mas, para Adorno, esse tipo de afirmação intelectual, além de não coincidir com a emancipação, também a dificulta enormemente.

Ainda sobre o elemento subjetivo, ou o lado psíquico que favoreceria o reaparecimento social do fascismo, Adorno afirma que “o nazismo insuflou desmesuradamente o narcisismo coletivo, ou, para falar simplesmente: o orgulho nacional” (2010b, p. 39). E, em sua leitura psicológica, ele caracteriza essa personalidade autoritária nos seguintes termos:

O que a educação deve fazer diante da crise?

MANTOVANI, Harley Juliano

[...] esta estrutura da personalidade não se relaciona tanto assim com critérios econômico-políticos. Ela seria definida muito mais por traços como pensar conforme as dimensões de poder – impotência, paralisia e incapacidade de reagir, comportamento convencional, conformismo, ausência de autorreflexão, enfim, ausência de aptidão à experiência. Personalidades com tendências autoritárias identificam-se ao poder enquanto tal, independente de seu conteúdo. No fundo dispõem só de um eu fraco, necessitando, para se compensarem, da identificação com grandes coletivos e da cobertura proporcionada pelos mesmos (ADORNO, 2010b, p. 37).

Acreditamos que também os critérios econômico-políticos são muito relevantes para a análise da produção social das subjetividades. Por isso, a educação deveria considerar a possibilidade de investiga-los e de transformá-los, uma vez que esses critérios objetivos atuam igualmente para enfraquecer o eu tornando-o suscetível ao poder e à coletividade falsamente integradora. O eu assim enfraquecido é uma consciência coisificada que recusa a formação e o vir-a-ser. Ele se considera real como uma forma imutável anterior e independente das suas experiências, mas, neste caso, há grande probabilidade dele se constituir como uma pessoa fria, indiferente e egoísta. E é esse tipo de personalidade que pode se tornar uma gestação para a repetição de Auschwitz.

[...] se as pessoas não fossem profundamente indiferentes em relação ao que acontece com todas as outras (...), então Auschwitz não teria sido possível, as pessoas não o teriam aceito. Em sua configuração atual – e provavelmente há milênios – a sociedade não repousa em atração, em simpatia (...), mas na perseguição dos próprios interesses frente aos interesses dos demais (...). Hoje em dia qualquer pessoa, sem exceção, se sente mal-amada, porque cada um é deficiente na capacidade de amar. A incapacidade para a identificação foi sem dúvida a condição psicológica mais importante para tornar possível algo como Auschwitz em meio a pessoas mais ou menos civilizadas e inofensivas (ADORNO, 2010a, p. 134).

Conforme Adorno diz em outros termos, o nazismo possibilitou um enturmar-se de pessoas frias que não suportavam a própria frieza, mas, uma vez massificadas, continuavam solitárias.

3 A EDUCAÇÃO CONTRA A BARBÁRIE E SEUS ELEMENTOS ANTISSOCIAIS

A tarefa que a educação deve assumir é dita por Adorno de outro modo: “A tese que gostaria de discutir é a de que desbarbarizar tornou-se a questão mais urgente da educação hoje em

O que a educação deve fazer diante da crise?

MANTOVANI, Harley Juliano

dia” (ADORNO, 2010d, p. 155)². E, portanto, “o problema que se impõe nesta medida é saber se por meio da educação pode-se transformar algo de decisivo em relação à barbárie” (ADORNO, 2010d, p. 155). Nesses termos, evitar a repetição de Auschwitz pressupõe a desbarbarização da sociedade. A presença social, dispersa e camuflada da barbárie potencializa o surgimento e a prática assim como naturaliza atos de atrocidade antissocial e desumana.

De antemão, esclareçamos que nem toda forma de violência pode ser definida, rigorosamente, como barbárie. Nesses termos, ao ser indagado sobre o que ele pensava sobre os distúrbios estudantis causados pelo aumento tarifário dos transportes na cidade de Bremen, Adorno primeiramente nega que as manifestações dos secundaristas refletissem a falência da formação política da juventude simplesmente porque esta se manifestava de forma supostamente bárbara contra as posições públicas do poder da ordem constituída. A reificação ou idolatria da ordem podem se converter em totalitarismo ou serem usadas para se defender a implantação de um regime de exceção. Todavia, do mesmo modo que nem toda revolta contra a ordem é barbárie nem toda posição da ordem é isenta de uma violência ou injustiça que não mereça uma manifestação de contraviolência. Adorno se refere a esse episódio nos seguintes termos:

Se existe algo que as manifestações dos secundaristas de Bremen demonstram, então é precisamente a conclusão de que a educação política não foi tão inútil como sempre se afirma; isto é, que essas pessoas não permitiram que lhes fosse retirada a espontaneidade, que não se converteram em obedientes instrumentos da ordem vigente. A forma de que a ameaçadora barbárie se reveste atualmente é a de, em nome da autoridade, em nome de poderes estabelecidos, praticarem-se precisamente atos que anunciam, conforme sua própria configuração, a deformidade, o impulso destrutivo e a essência mutilada da maioria das pessoas (ADORNO, 2010d, p. 159).

A educação deve educar para a política, para a desobediência oportuna e necessária, promovendo a espontaneidade como meio de resistir à violência da massificação e combatendo também a consciência mistificada de uma ordem que se conserva por meio de rituais inquestionáveis que a legitimam. É tarefa da educação revelar à sociedade como e quando as autoridades e os poderes estabelecidos constituem, eles mesmos, a mais ameaçadora forma de barbárie, uma vez que detém o monopólio sobre o uso da violência juridicamente reconhecido.

Mas o que é a barbárie? Adorno responde:

Entendo por barbárie algo muito simples, ou seja, que, estando na civilização do mais alto desenvolvimento tecnológico, as pessoas se encontrem atrasadas de um modo peculiarmente disforme em relação a sua própria civilização – e não apenas por não terem em sua arrasadora maioria experimentado a formação nos termos correspondentes ao conceito de civilização, mas também por se encontrarem

² Dito de outro modo: “Com a educação contra a barbárie no fundo não pretendo nada além de que o último adolescente do campo se envergonhe quando, por exemplo, agride um colega com rudeza ou se comporta de um modo brutal com uma moça; quero que por meio do sistema educacional as pessoas comecem a ser inteiramente tomadas pela aversão à violência física” (ADORNO, 2010d, p. 165).

O que a educação deve fazer diante da crise?

MANTOVANI, Harley Juliano

tomadas por uma agressividade primitiva, um ódio primitivo ou, na terminologia culta, um impulso de destruição, que contribui para aumentar ainda mais o perigo de que toda esta civilização venha a explodir, aliás uma tendência imanente que a caracteriza (2010d, p. 155).

Baseada na agressividade, no ódio e no impulso de destruição, a barbárie traz e mantém, de modo angustiante, claustrofóbico e insuportável, o perigo iminente da explosão da civilização. Porém, de onde vem essa ameaça desesperadora? Ora, como foi dito antes, a presença e a atuação naturalizadas da barbárie são um sintoma do processo de autoexplosão da civilização.

Em sua luta contra a barbárie, a educação deve, antes de tudo, verificar se ela tem, em si mesma, elementos de barbárie a fim de extirpá-los. A repressão e a opressão são sinais evidentes da atuação do anticivilizatório. Mas, uma prática muito presente na educação, que potencializa a barbárie, é a competição. Este é um elemento antipedagógico porque, entre outras coisas, ele não humaniza e não emancipa. A promoção escolar da competição insere na educação valores extrapedagógicos enfraquecendo-a e tornando-a refém, por exemplo, do pensamento e das práticas economicistas.

Partilho inteiramente do ponto de vista segundo o qual a competição é um princípio no fundo contrário a uma educação humana. De resto, acredito também que um ensino que se realiza em formas humanas de maneira alguma última o fortalecimento do instinto de competição. Quando muito é possível educar desta maneira esportistas, mas não pessoas desbarbarizadas. Em minha própria época escolar, lembro que nas chamadas humanidades a competição não desempenhou papel algum (ADORNO, 2010d, p. 161).

A competição é um elemento fundamental do processo social e extrapedagógico de espraiamento dissimulado da barbárie desumanizadora. O indivíduo competitivo é aquele que, empobrecendo-as, submete sua afetividade e sua racionalidade aos seus instintos fechados em si mesmos. E esse fechamento instintivo é também, de certo modo, uma recusa covarde, agressiva e destrutiva das experiências. A competição leva a uma socialização baseada na generalização dos instintos, porém, uma sociedade assim configurada não possibilita a emancipação humana, embora ela seja constituída por indivíduos eficientes. Todavia, se a eficiência se associa ao instintivo, sua racionalidade pode se converter, facilmente, em ódio, agressividade e até autodestruição.

Penso que, além desses fatores subjetivos, existe uma razão objetiva da barbárie, que designarei bem simplesmente como a da falência da cultura. A cultura, que conforme sua própria natureza promete tantas coisas, não cumpriu a sua promessa. Ela dividiu os homens. A divisão mais importante é aquela entre trabalho físico e intelectual. Deste modo ela subtraiu aos homens a confiança em si e na própria cultura (...). A consequência disto foi que a raiva dos homens não se dirigiu contra o não-cumprimento da situação pacífica que se encontra propriamente no conceito de cultura. Em vez disto, a raiva se voltou contra a

O que a educação deve fazer diante da crise?

MANTOVANI, Harley Juliano

própria promessa ela mesma, expressando-se na forma fatal de que essa promessa não deveria existir (ADORNO, 2010d, p. 164).

No âmbito da sua tarefa de lutar contra a barbárie, a educação precisa mergulhar na cultura a fim de diagnosticar a falência desta última, não apenas para buscar combatê-la, mas também para evitar que essa falência da cultura a contamine e se torne, de alguma forma, a sua própria falência. Diante dessa real possibilidade de contaminação nos resta perguntar, de início, se a própria educação não está deixando de cumprir a sua promessa de dissolver a divisão entre os homens restituindo-lhes a confiança em si mesmos e na cultura. Mas como confiar na cultura se, de certa forma, ela não foi capaz de evitar o surgimento do fascismo e de dissuadir o antissemitismo que culminaram na Shoah, trazendo consigo, igualmente, uma desconfiança justificada na própria humanidade?

No âmbito da sua luta contra a barbárie, e para evitar que Auschwitz se repita, a educação deve se levantar contra o fascismo, cujas formas de manifestações atuais usam máscaras que não apenas ocultam a sua face monstruosa, mas também atuam no sentido de torná-lo insuspeito e socialmente aceito e naturalizado. É necessário, então, que a educação fixe em seus muros e em todos os muros da cidade o retrato falado do fascismo, como se ele fosse um criminoso fortemente armado, ideologicamente perigoso, e que ainda está entre nós vivendo em nossos lares, e publicamente, disfarçado de moralidade. De certo modo, a irrupção do fascismo revela e confirma a hipocrisia, o caráter ideológico e a própria falência da moralidade da nossa civilização. O que esta tem de anticivilizatório é também, em certa medida, a moralidade sobre a qual ela se baseou.

Para desenhar o retrato falado do fascismo, Adorno empreende a sua análise psicológica, com a ajuda imprescindível de Sigmund Freud. Ele vai analisar amostras de propagandas antidemocráticas e antissemitas, panfletos e publicações dos agitadores e demagogos fascistas dos Estados Unidos, logo após o término da Segunda Guerra Mundial. De início, sua abordagem psicológica lhe revela o seguinte sobre material estudado:

[Este] almeja convencer as pessoas *manipulando seus mecanismos inconscientes*, e não apresentando ideias e argumentos. Não apenas a técnica oratória dos demagogos fascistas é de uma natureza astuciosamente ilógica e pseudoemocional; mais do que isso: programas políticos positivos, postulados, ou quaisquer ideias políticas concretas desempenham um papel menor quando comparados aos estímulos psicológicos direcionados à audiência. É através desses estímulos e de outras informações, e menos das plataformas confusas e vagas dos discursos, que podemos identificá-los como fascistas (ADORNO, 2015a, 138).

Temos aí uma manipulação que se dá como uma espécie de aliciamento que estimula e enfatiza as emoções e atrofia a consciência lúcida e sua capacidade de pensar. A demagogia fascista se impõe através de uma poderosa técnica oratória em cuja dinâmica as ideias e os argumentos são substituídos pelos estímulos, que são, por sua vez, mais facilmente produzidos e controlados. Contrariamente às ideias e à capacidade argumentativa, os estímulos dissolvem a singularidade tornando-a instável de um modo que a impede de exercer a sua autonomia e de se autodeterminar.

O que a educação deve fazer diante da crise?

MANTOVANI, Harley Juliano

Adorno observa igualmente que a propaganda fascista estadunidense se configura como culto e exposição, até obscena, da personalidade, enfraquecendo a esfera da intimidade e promovendo uma identificação generalizada³. Nesses termos, o líder fascista precisa ser identificado nos seguidores, e estes, por seu turno, apesar da sua fragilidade, modéstia e pequenez, precisam se ver no seu líder. Uma estratégia para que essa identificação ocorra é a exposição desinibida da fraqueza. Dessa forma, é como se a fraqueza se tornasse um valor social com um alto poder, senão de integração real, ao menos de massificação, à qual se abandonam os indivíduos que há muito aguardavam que a fraqueza, enfim legitimada socialmente e institucionalmente oficializada, os libertasse da tarefa da autonomia e da autodeterminação. Nesses termos, a função essencial da educação é mostrar que a liberdade da fraqueza é na verdade uma forma poderosa de escravidão altamente masoquista e destrutiva. A fraqueza não é somente antipolítica e antidemocrática, pois, à medida que ela é a vazão anormal de uma moralidade intrinsecamente corrompida, a fraqueza é de modo mais nocivo igualmente antissocial. Todavia, os seguidores são convencidos a aderirem a ela em prol de um verdadeiro renascimento da nação que seria supostamente abençoado pelo próprio Deus. Este é um sinal evidente da natureza antipolítica do fascismo. Assim, ao se submeterem à escravidão da fraqueza para que a nação renasça purificada, os seguidores fascistas acreditam estar obedecendo a uma vontade de Deus, que foi inclusive quem lhes enviou precisamente o seu líder. Através de uma manipulação religiosa – que é na verdade um enfraquecimento, adulteração e substituição da verdadeira religião – os seguidores fascistas são estimulados a acreditar que a vontade de Deus precisa ser satisfeita com sangue e sacrifícios, não apenas dos seus inimigos imaginários, mas também deles mesmos. Trata-se, aqui, de uma glorificação cega da ação que oculta o sentido dos acontecimentos e do próprio movimento fascista. O objetivo dessa glorificação da ação é igualmente demonstrar o patriotismo de homens e de mulheres cristãos tão tementes a Deus que se dispõem prontamente a dar suas vidas pela causa de Deus, do lar e da pátria.

Além disso, certa imprecisão relativa aos fins políticos é inerente ao próprio fascismo. Isso se deve em parte a sua natureza intrinsecamente não teórica, em parte ao fato de que seus seguidores acabarão trapaceados, e que, assim, os líderes precisam evitar qualquer formulação que posteriormente tenham que reafirmar. Deve-se notar também que em relação às medidas repressivas e de terror, o fascismo habitualmente vai *além* do que é anunciado. Totalitarismo significa desconhecer limites, não permitir nenhuma pausa para fôlego, conquistar impondo dominação absoluta, exterminar completamente o inimigo escolhido. Diante desse significado do “dinamismo” fascista, qualquer programa claramente delineado funcionaria como uma limitação, uma espécie de garantia dada até mesmo ao adversário. É essencial à regra totalitária que nada seja garantido, nenhum limite seja imposto à arbitrariedade impiedosa (ADORNO, 2015a, p. 141).

³ Além disso, a propaganda fascista irá funcionar como um tipo de *realização de desejo*. “As pessoas são convidadas a entrar, tal como se compartilhassem uma droga. Elas são recebidas com confiança, tratadas como se fossem da elite que merece conhecer os obscuros mistérios, ocultos a quem está fora (...). Constantemente se contam histórias escandalosas, a maioria fictícias, particularmente de excessos sexuais e atrocidades; a indignação com a obscenidade e a crueldade nada mais é, entretanto, do que uma racionalização” (ADORNO, 2015a, p. 140). Há nessa aparente comunidade um acentuado elemento narcótico racionalmente composto pela estimulação do sentimento de superioridade, da sexualidade e da crueldade.

O que a educação deve fazer diante da crise?

MANTOVANI, Harley Juliano

O fascismo se recusa a ser confundido com o *establishment* político para o qual ele mesmo seria o remédio e a cura, quando, na verdade, é ele que adoece as instituições políticas – e a própria sociedade – a fim de que as pessoas desconfiem das mesmas e as rejeitem violentamente. Assim, o fascismo substitui ou ao menos faz as pessoas acreditarem que ele substitui as instituições pelo líder, que é ele mesmo a personificação desinstitucionalizada do antissistema. Então, diferentemente das instituições que funcionam com uma certa gramática e com uma certa lógica que visam a estabilidade e a proteção constitucionais da sociedade, o líder fascista, escolhendo a arbitrariedade ao invés da Constituição, atua no sentido de impor um antissistema que, representando desestabilidade, é fundamentalmente antissocial. Em suma, a dinâmica fascista é totalitária porque ela não dá limites à sua arbitrariedade que aparece socialmente como a promessa de realização de uma liberdade há muito desejada. Enfim, essa arbitrariedade antissocial se apresenta como um resultado do ataque fascista às instituições políticas. Daí a importância da formação de uma boa consciência política promovida pela educação. Essa formação política deve proteger os indivíduos de serem dissolvidos nas massas fabricadas, de modo artificial e violento, pela dinâmica antissistêmica. Dito de outro modo, identificando e denunciando a desmesura da repressão e do terror totalitários, a educação tem que formar seres humanos capazes de autodeterminação, “que decidem racionalmente seu próprio destino”, ao invés de formar indivíduos suscetíveis a medidas administrativas, que se adaptam prontamente e “ensinados, acima de tudo, a se autoanular e a obedecer ordens”. A anulação de si acontece precisamente através da obediência. “Precisamente este último ponto, entretanto, requer um escrutínio de certa forma mais detalhado, se se pretende ir além da ideia corriqueira sobre a hipnose de massa sob o fascismo” (ADORNO, 2015a, p. 142). Isto é, a autoanulação e a obediência não foram produzidas artificialmente por uma hipnose que, uma vez aceita, ocultaria as reais motivações dos comportamentos fascistas. Sobre isso, Adorno diz o seguinte:

É altamente duvidoso se a hipnose de massa de fato ocorre no fascismo, ou se ela não é uma metáfora fácil que permite ao observador dispensar uma análise mais aprofundada. A sobriedade cínica é provavelmente mais característica da mentalidade fascista do que a intoxicação psicológica (...). Falando psicologicamente, o eu desempenha um papel grande demais na irracionalidade fascista para que se pudesse admitir uma interpretação do suposto êxtase como uma mera manifestação do inconsciente. Há sempre algo autoestilizado, autoordenado, espúrio, em relação à histeria fascista, que demanda atenção crítica, se a teoria psicológica sobre o fascismo não quer ceder aos *slogans* irracionais que o próprio fascismo promove (2015a, p. 142).

Primeiramente, a hipnose de massa é contestável porque não há somente passividade. Além disso, o fascismo é um fenômeno anticivilizatório que exige uma análise mais aprofundada da teoria crítica, que não pode, portanto, se valer de simplificações analíticas que não vão além dos aspectos mais caricatos dos movimentos sociais.

Adorno identifica que o discurso fascista e, sobretudo, a propaganda antisemita não têm um objetivo racional e, por isso, vale destacar que não se servem de argumentos, pois a construção de argumentos pressupõe uma interação com a realidade através de uma lógica discursiva. Porém, ao invés disso, “a propaganda fascista ataca fantasmas, e não oponentes reais, ou seja, ela constrói um *imaginário* do judeu ou do comunista” (ADORNO, 2015a, p. 143), normalmente difamando-os,

O que a educação deve fazer diante da crise?

MANTOVANI, Harley Juliano

aviltando-os e os acusando de serem os portadores doentes de uma ameaça de corrupção e de dissolução da moralidade, da liberdade, da democracia e dos horizontes de possibilidades. Altamente esquizofrênica, a propaganda fascista deliberadamente difunde e impõe um imaginário como explicação e solução ilusórias dos problemas cuja origem se encontra numa realidade tomada equivocadamente como culpada. Em certa medida, o imaginário esquizofrênico, forjado por uma mera exibição oratória sem lógica discursiva, atua também como remissão da culpa da realidade. Não se trata, aqui, de construir o pensamento, que pode ser verificado por um criterioso exame racional, mas trata-se sim de desconstruir o pensamento, apresentando o mais imediato e o mais fácil de ouvir a uma audiência passiva que é na verdade um abandono de si que se deixa levar por uma gramática regressiva. Todavia, a propaganda fascista não é irracional, “com toda a sua lógica enviesada e distorções fantásticas, é conscientemente planejada e organizada” (ADORNO, 2015a, p. 143).

Para Adorno, o agitador fascista tem uma enorme capacidade de usar suas disposições neuróticas e psicóticas para subjugar a realidade e, para isso, ele conta com certas condições que, às vezes difusas, são prevaletentes na sociedade, na qual um doente consegue “transformar a neurose e até mesmo a loucura moderada em uma mercadoria, que o doente pode facilmente vender”, pois certamente ele encontrará muitos outros que têm uma afinidade com sua doença, sobretudo, se esta lhes possibilitar a manifestação antissistêmica da sua fraqueza, dos seus preconceitos, da sua agressividade estúpida.

O agitador fascista é usualmente um exímio vendedor de seus próprios defeitos psicológicos. Isso somente é possível devido a uma similaridade estrutural geral entre seguidores e líder, e o objetivo da propaganda é estabelecer um acordo entre eles, em vez de dirigir à audiência quaisquer ideias ou emoções que não fossem dos próprios seguidores desde o começo (ADORNO, 2015a, p. 144).

Através da sua oratória e da propaganda, o agitador fascista alicia, estimula e captura os defeitos psicológicos socialmente estruturais, prometendo às pessoas a liberdade dos seus recalques. Assim, devido à similaridade estrutural dos estados psicologicamente patológicos, o líder é visto e aceito como alguém próximo e familiar, com quem se pode estabelecer um acordo e até uma fidelidade, visto que, por meio da sua oratória e da propaganda, o líder fascista promete prazer. Por isso seus seguidores lhe serão gratos. Nota-se, afinal, que o comportamento histérico dos líderes fascistas desempenha uma função a serviço da eficiência psicológica do funcionamento da ideologia⁴.

Quanto à difusão e aceitação sociais do fascismo é preciso levar em consideração que, segundo Adorno, as pessoas educadas e comuns, ao invés de serem caracterizadas por uma propensão firme pelo que é genuíno e sincero, elas cedem de um modo relativamente fácil ao que é insincero e falso. Por isso “Hitler foi aceito, não apesar de suas bizarrices baratas, mas

⁴ Além disso, é oportuno mencionar que, para Adorno, os líderes fascistas “atuam de forma vicária por seus ouvintes desarticulados ao fazer e dizer o que os últimos gostariam mas não conseguem ou não se atrevem a tal. Violam os tabus que a sociedade de classe média colocou sobre qualquer comportamento expressivo por parte do cidadão normal e realista. Pode-se dizer que alguns dos efeitos da propaganda fascista são conseguidos por essa ação invasiva. Os agitadores fascistas são tomados a sério porque arriscam a se passar por tolos” (ADORNO, 2015a, p. 145).

O que a educação deve fazer diante da crise?

MANTOVANI, Harley Juliano

precisamente por causa delas, de sua entoação falsa e suas palhaçadas”, afirma Adorno (2015a, p. 145), que acrescenta:

Encontramos frequentemente manifestações semelhantes em bêbados que perderam suas inibições. A sentimentalidade das pessoas comuns não é de forma alguma uma emoção primitiva e irrefletida. Pelo contrário, constitui um fingimento, uma imitação fingida e barata de sentimentos reais, frequentemente autoconsciente e com certa autocomplacência. Esse caráter fictício é o elemento vital das *performances* da propaganda fascista (2015a, p. 146).

O líder fascista age para libertar as pessoas do seu retraimento afetivo incentivando-as a uma exposição completamente desinibida, e não importa se irascível e também obscena. Essa descarga impulsiva agrada e proporciona prazer aos seus seguidores, mas ela também mantém a dependência, a necessidade de repetição e, conseqüentemente, o controle sobre os adeptos das performances fascistas, que criam um ambiente fictício no qual elas ocorrem sem a consciência da realidade. Os bêbados se tornam desinibidos porque eles não se encontram mais na realidade dura regida por leis, científicas e morais, assim como por convenções e padrões lúcidos de comportamento. O caráter fictício da oratória fascista retira os seus seguidores da realidade e os desloca para um ritual, no qual acontece a identificação em que o líder exterioriza o que os ouvintes sentem e pensam, de tal modo que estes últimos, mergulhados num frenesi, sentem como se suas próprias mentes fossem reveladas. Essa é a tão prazerosa gratificação proporcionada pela identificação. Esse “ato de revelação e o abandono temporário da seriedade responsável e autônoma são o critério decisivo do ritual propagandístico” (ADORNO, 2015a, p. 146). Essa identificação ritualística equivale a um fenômeno de “regressão coletiva” que, causando a anulação do autocontrole, libera a expressão das emoções, assim como gritos, choros e revoltas contra as condições de manutenção da civilização.

A propaganda fascista faz uso intensivo de estereótipos e clichês, como a dicotomia entre branco e preto, amigo e inimigo, que empobrecem a realidade e atrofiam a capacidade de pensar. Diante desse quadro mental medíocre fica relativamente fácil falsificar inclusive a religião e a atitude religiosa. Na verdade, o fascismo substitui a religião, com sua racionalidade profunda, com sua disciplina e ascese, por um ritual que neutraliza, por exemplo, a valoração e o cultivo religiosos da dignidade humana. Em vez disso, “linguagem e formas religiosas são utilizadas para fornecer a impressão de um ritual sancionado, que é realizado constantemente por alguma ‘comunidade’” (ADORNO, 2015a, p. 148). Trata-se, aqui, de uma utilização instrumental da religião que serve para forjar e separar identidades, indivíduos e comunidade que, além de se acreditarem mais puros, superiores e eleitos, coparticipantes de uma tarefa messiânica e apocalíptica, consideram-se os guardiões de valores tradicionais, cuja moralidade, além de se revelar intrinsecamente hipócrita, serve como pretexto para práticas de ódio, de preconceitos e de violência religiosamente injustificáveis.

Com o seu desenvolvimento, esse processo ritualístico do fascismo leva o seu seguidor a se identificar com o *status quo*, que é justamente aquilo que o oprime. O ritual fetichiza a realidade e as relações de poder manipulando os desejos do indivíduo que, por esse meio, além de se abdicar de si mesmo, não consegue ver as possibilidades reais de transformação do presente, tornando-se, desse modo, completamente suscetível à ideologia que apresenta o futuro como solução. Por se impor através de um ritual performativo que, de acordo com Adorno, se associa à neurose

O que a educação deve fazer diante da crise?

MANTOVANI, Harley Juliano

obsessiva, tal como pensada pela psicanálise, o fascismo indiretamente veicula e se vincula a uma ideia de oferta de um sacrifício. Neste sentido, “em cada discurso de propaganda exprime, por mais que se oculte, o assassinato sacramental do inimigo escolhido” (ADORNO, 2015a, p. 150). Dito de outro modo, para Adorno, “no cerne do ritual de propaganda fascista e antisemita reside o desejo por assassinato ritualístico” (2015a, p. 151). O ritual funciona como um estímulo à realização eufórica do desejo de assassinar o inimigo. E a instrumentalização pervertida da religião serve a esse propósito. A doutrina cristã, por exemplo, se reduz a *slogans* de violência política.

A ideia de um sacramento, o “derramamento de sangue” de Cristo, é direta e linearmente interpretada em termos de “derramamento de sangue” em geral, tendo em vista uma insurgência política. O derramamento real de sangue é defendido como necessário porque o mundo foi supostamente redimido pelo derramamento de sangue de Cristo. O assassinato é investido com um halo de sacramento. Assim, a derradeira lembrança do Cristo sacrificado, na propaganda fascista, é “*O sangue judeu deve jorrar*”. A crucificação é transformada em um símbolo do holocausto. Psicologicamente, toda a propaganda fascista é simplesmente um sistema de tais símbolos (ADORNO, 2015a, p. 151).

Como se nota, a religião é usada não apenas para retirar a proibição do assassinato, mas também para glorificá-lo e torná-lo desejado. Desse modo se alcança uma justificação religiosa do holocausto e da destrutividade.

O que o espírito fascista oferece, com seus programas abstratos e vagos, é a satisfação de desejos espúrios e ilusórios, “porque a promessa expressa pela oratória fascista nada mais é do que a própria destruição” (ADORNO, 2015a, p. 152). Por isso, os agitadores fascistas aliciam e direcionam os corações e as mentes ao insistirem na iminência de catástrofes. Quanto a isso, Adorno declara que, “enquanto advertem de perigos iminentes, eles e seus seguidores se excitam com a ideia da ruína inevitável, sem sequer diferenciar claramente entre a destruição de seus inimigos e de si mesmos” (2015a, p. 152). Há aqui a ação de um arcaísmo mental profundo que impede o indivíduo de discernir o horrível e o maravilhoso, a aniquilação e a salvação. Então o prazer que o fascismo promete pode se converter, facilmente, em impulso autodestrutivo, porque ele manipula o desejo psicológico e inconsciente de autoaniquilação.

4 A TAREFA DA EDUCAÇÃO DIANTE DA CRISE DO INDIVÍDUO E DA CRISE CIVILIZACIONAL

A manifestação da natureza antipolítica do fascismo precisa da formação e do controle psicológicos das massas, tornando estas uma turba antidemocrática movida por agressividade emocional e irracional. Para realizar o seu propósito de dissolver a democracia, o fascismo se utiliza de um novo tipo de sofrimento psicológico que Freud abordou em *Psicologia de grupo e análise do eu*. As massas não se formam tão facilmente sem esse novo tipo de sofrimento representado pelo

O que a educação deve fazer diante da crise?

MANTOVANI, Harley Juliano

declínio e pelo enfraquecimento do indivíduo. Assim, ao se preocupar com as mudanças sociais, Freud acabou revelando os traços de uma profunda crise do indivíduo e, conseqüentemente, “sua disposição para ceder inquestionavelmente às poderosas instâncias coletivas externas” (ADORNO, 2015b, p. 157). O pai da psicanálise ajuda Adorno a entender o poder da demagogia fascista. Com efeito, Freud descobre que as massas são formadas e movidas pelo princípio de prazer, ou seja, pelas gratificações reais ou vicárias que os indivíduos podem receber ao se abandonarem a uma massa. Através desse tipo de abandono o indivíduo se satisfaz com a possibilidade de anulação dos seus recalques. Por isso, o que é peculiar às massas, de acordo com Freud, não é tanto uma qualidade nova, mas sim a manifestação de antigas, usualmente ocultas” (ADORNO, 2015b, p. 161). Desse modo o obsceno se torna tolerável e, a partir daí, pode ser direcionado contra a democracia. Para ilustrar esse fato, Adorno recorre à “categoria psicológica de destrutividade, abordada por Freud em seu *O mal-estar na civilização*. Como uma rebelião contra a civilização, o fascismo não é simplesmente a reocorrência do arcaico, mas sua reprodução na e pela própria civilização” (ADORNO, 2015b, p. 163). O fascismo desoculta e libera o arcaico que já estava presente na civilização. Com isso, ele tem à sua disposição uma imensa energia libidinal fácil de manipular porque ela quer vir à tona e é tendencialmente antipolítica. “É aqui que as técnicas do demagogo e do hipnotizador coincidem com o mecanismo psicológico através do qual os indivíduos são levados a se submeter às regressões que os reduzem a meros membros de um grupo” (ADORNO, 2015b, 163). Por trás dessas possibilidades demagógicas e hipnóticas temos a crise profunda do indivíduo.

Portanto, para que o fascismo se instaure e seja aceito, é necessário manter o declínio e a fraqueza do indivíduo, que se apresenta como um átomo social desindividualizado e expropriado da sua própria psicologia. Nessas condições, o indivíduo está entregue a uma identificação passiva com a figura do líder que funciona psicologicamente como o pai primitivo temido, ao qual ele é prontamente submisso. A propaganda fascista, irracional e autoritária, cria e impõe uma autoridade psicológica onipotente e ameaçadora. A libido então funciona como um vínculo afetivo que irá possibilitar não apenas a identificação, mas também a idealização associada ao narcisismo⁵. Nesses termos, o seguidor devora o líder para fazê-lo parte de si mesmo e, por esse meio, engrandecer a sua própria personalidade assim idealizada. “Ao fazer do líder seu ideal, ele ama a si mesmo”, afirma Adorno, que acrescenta: “É precisamente essa idealização de si mesmo que o líder fascista tenta promover em seus seguidores, e que é auxiliada pela ideologia do *Führer*” (2015b, p. 169)⁶. E quando isso ocorre temos uma efetiva dessocialização, pois a identificação através da idealização não produz nada mais do que a caricatura de uma solidariedade e uma indiferença coletiva generalizada.

O fascismo precisa se constituir como mitologia, isto é, como uma espécie de racionalização ideológica do irracional, porque, caso contrário, seria impossível angariar as massas através de argumentos racionais e de um pensamento discursivo. Ele tem que “mobilizar processos irracionais, inconscientes e regressivos”. Mas é preciso dizer que possivelmente a propaganda fascista descobriu um segredo, que é o de necessariamente tomar os homens pelo que eles são: “verdadeiros filhos da cultura de massa padronizada de hoje, em grande parte subtraídos de sua autonomia e espontaneidade” (ADORNO, 2015b, p. 184). Sendo assim, o trabalho da propaganda

⁵ A esse respeito vale acrescentar que “o *ganho* narcísico fornecido pela propaganda fascista é óbvio. Ela sugere continuamente, e algumas vezes de forma maliciosa, que o seguidor, simplesmente por pertencer ao *in-group*, é melhor, superior e mais puro que aqueles que são excluídos. Ao mesmo tempo, qualquer tipo de crítica ou de autoconsciência é ressentida como uma perda narcísica e incita fúria” (ADORNO, 2015b, p. 177).

⁶ Para que essa identificação por idealização ocorra, a propaganda fascista usa a figura do “pequeno grande homem” para caracterizar o líder, que é então tanto um símbolo de onipotência quanto apenas mais um do povo. Dessa forma, “a imagem do líder satisfaz o duplo desejo do seguidor em se submeter à autoridade e ser ele mesmo a autoridade” (ADORNO, 2015b, p. 172). Esse prazer na hierarquia se manifesta como sadomasoquismo.

O que a educação deve fazer diante da crise?

MANTOVANI, Harley Juliano

fascista é facilitado porque ela não precisa transcender e transformar nem o *status quo* psicológico nem o *status quo* social.

A propaganda fascista precisa apenas *reproduzir* a mentalidade existente para seus próprios propósitos – ela não precisa induzir uma mudança –, e a repetição compulsiva, que é uma de suas características mais importantes, irá se coordenar com a necessidade por sua reprodução contínua. Ela se apoia absolutamente na estrutural total, bem como em cada traço particular do caráter autoritário, que é ele mesmo o produto de uma internalização dos aspectos irracionais da sociedade moderna (ADORNO, 2015b, p. 184).

O fascismo alcança o controle e a conservação por meio da imposição da repetição estruturada impulsivamente. Além disso, vale dizer que a dessocialização fascista, assim como a natureza antipolítica desse movimento, acabam por revelar a irracionalidade subjacente da modernidade. Caberia aqui uma crítica da modernidade para se verificar como ela pôde dar à luz à reversão de si mesma. Mas essa crítica fica para depois.

5 HORIZONTES E POSSIBILIDADES DE ENFRENTAMENTO

Como a educação deve responder aos aspectos filosóficos e aos aspectos psicológicos da sua tarefa? Neste momento apenas esboçamos inicialmente um horizonte alternativo de renovação das possibilidades. Referimos os aspectos filosóficos ao capitalismo e suas crises, e os aspectos psicológicos à crise do indivíduo. Isto significa que o enfrentamento educacional da barbárie e do fascismo passa necessariamente pelo enfrentamento crítico do capitalismo que adultera e enfraquece o indivíduo.

Para responder aos aspectos filosóficos da sua tarefa, é preciso que a educação exponha criticamente a associação e a cumplicidade históricas e vergonhosas entre o capitalismo e o fascismo. A esse respeito, Leandro Konder nos oferece importantes testemunhos, dentre os quais destacamos:

Nos planos econômico, social e político, por outro lado, haviam amadurecido tendências destinadas a desempenhar um papel ainda mais importante que o da preparação cultural para a expansão do fascismo. O capitalismo, como sistema, jogara os homens *uns contra os outros*, numa competição desenfreada onde só uma coisa podia importar: o lucro privado. Desenvolveram-se enormes metrópoles capitalistas, povoadas por multidões de indivíduos solitários, amedrontados, cheios de desconfiança (KONDER, 1977, p. 15).

O que a educação deve fazer diante da crise?

MANTOVANI, Harley Juliano

Basicamente, o capitalismo alimenta e naturaliza o estado de natureza hobbesiano promovendo uma radical dessocialização necessária para a instauração do fascismo.

Os latifundiários, as grandes indústrias, os grandes bancos, em suma, o grande capital sustentou economicamente os fascismos italiano e alemão (KONDER, 1977, p. 19-20, p. 30, p. 37). Portanto, a luta contra o fascismo, na tentativa de evitar a repetição de Auschwitz, é necessariamente uma luta contra o capitalismo. Nesses termos, o que a educação tem à sua disposição para ela enfrentar criticamente o capitalismo? O que pode funcionar como um remédio para essa doença civilizatória tendencialmente apocalíptica? Ora, precisamente aquilo contra o que os fascistas se levantaram, aquilo que eles temiam e, por isso, procuraram desfigurar, criminalizar e neutralizar: o marxismo e seu materialismo histórico com propósitos científicos. Temos aqui a oposição entre ideologia fascista e ciência marxista. Com efeito, Konder pondera que, buscando sustentar o poder criador e ideologizado do homem, “o fascismo negava os condicionamentos em que tal poder se exercia. Para sustentar seus princípios idealistas na polêmica contra o materialismo dos marxistas, o fascismo promovia uma confusão sistemática dos conceitos” (KONDER, 1977, p. 41). Mediante essa confusão dos conceitos, artificialmente retórica, Mussolini, por exemplo, impôs uma nova interpretação da concepção marxiana da luta de classes que, anulando a natureza revolucionária do proletariado, acabou disciplinando a luta em proveito de uma nova elite, enérgica e disposta a tudo (KONDER, 1977, p. 8). Assim, a oratória artificial do fascismo conseguia neutralizar o pensamento crítico essencialmente marxista, que era capaz de revelar a demagogia do discurso fascista assim como a hipocrisia e a imoralidade ameaçadoras da sua ideologia destrutiva. Diante desta situação, o que renovava a luta e as esperanças contra a repressão onipotente da ideologia fascista? Basicamente, a manutenção e a renovação do antifascismo dependiam da capacidade de a educação e os professores redescobrirem e praticarem o marxismo. Este é radicalmente antifascista. Assim, Konder nos apresenta um relato no qual se encontram exemplos de resistência e de luta contra a repressão ideológica totalitária. Nesse relato, é sintomático que apareça, como protagonista, um professor. Leiamos a exposição de Konder: “Um jovem professor assistente da cadeira de Literatura na Universidade de Roma – Mario Alicata – punha-se, juntamente com seus alunos, a descobrir o marxismo através da própria campanha antimarxista que os fascistas não deixavam esmorecer” (1977, p. 57). Além disso, e como testemunho do potencial antifascista do marxismo, que estava sendo redescoberto, Konder nos apresenta outros exemplos:

Alberto Carocci, dirigindo a revista *Argomenti*, publicava uma resenha na qual Ranuccio Bianchi-Bandinelli, fingindo comentar um livro inexistente de um holandês fictício, criticava a política agrária de Mussolini. Na própria Alemanha, o rigoroso controle da vida cultural não impediu um grupo de jovens estudantes, liderado por Wolfgang Harich, de redescobrir por sua própria conta o marxismo (KONDER, 1977, p. 57).

Além de muita coragem, o antifascismo se mantinha atuante por meio de muita imaginação e criatividade. E, se o marxismo é uma proposta revolucionária de superação do capitalismo, cortando pela raiz a árvore da qual brota o fascismo, então a educação que abraça o marxismo como arcabouço teórico crítico precisa fazer dessa superação o horizonte que lhe dá sentido e que a justifica. A educação precisa acreditar que o horizonte é mais forte do que o apocalipse.

O que a educação deve fazer diante da crise?

MANTOVANI, Harley Juliano

Quanto aos aspectos psicológicos do seu empreendimento crítico-emancipador, o que a educação pode fazer para reverter a crise do indivíduo, da qual ainda se aproveitam as ameaças de um fascismo renovado? Ora, se para satisfazer as exigências filosóficas da sua tarefa a educação precisa ouvir Marx, agora, para satisfazer as exigências psicológicas da sua tarefa, depois de entrar em contato com o diagnóstico freudiano, a educação precisa ouvir Nietzsche, pois o que este tem para lhe dizer se constitui como um caminho de reencontro e de fortalecimento do indivíduo atualmente empobrecido e anulado pelo capitalismo e seu recrudescimento neoliberal.

A individualidade nietzschiana que deve ser incentivada e cultivada é aquela que alcançou a mais alta virtude que é a virtude dadivosa e pródiga. Ela caracteriza o indivíduo libertado por uma insaciável vontade de doação, sobretudo de si, tornando-se assim uma dádiva verdadeiramente amorosa e medicinal. Esse tipo magnânimo de virtude luta contra o egoísmo tão benéfico ao capitalismo, mas tão maléfico à civilização, que é o egoísmo que diz “tudo para mim”. Este egoísmo degenerado, ressentido, é igualmente “demasiado pobre, faminto, que sempre deseja furtar, o egoísmo dos doentes, o egoísmo doente” (NIETZSCHE, 2011, p. 72). Contra essa vontade degenerada de acumular que gera a indiferença e o atomismo sociais tendencialmente catastróficos, temos a virtude dadivosa que liberta do ressentimento e do sentimento de vingança.

Essa virtude do egoísmo sadio e sagrado é própria do indivíduo elevado acima dos últimos homens frequentadores do mercado. Ela é específica daquele indivíduo que permanece fiel à terra. Sem essa fidelidade não é alcançada a virtude dadivosa capaz de curar o indivíduo. Por isso, “que vosso amor dadivoso e vosso conhecimento sirvam ao sentido da terra”, implora Zarathustra, que continua:

Não os deixeis voar para longe do que é terreno e bater com as asas nas paredes eternas! Oh, sempre houve tanta virtude extraviada! Trazei, como eu, a virtude extraviada de volta para a terra – sim, de volta ao corpo e à vida: para que dê à terra seu sentido – um sentido humano! (NIETZSCHE, 2011, p. 74).

O exercício dessa virtude, exatamente porque ele implica a fidelidade à terra, visa igualmente a restituir o elo entre a terra e a humanidade, valorizando e recuperando, por esse meio, o terrestre como elemento essencial constitutivo da identidade humana, que ainda deve ser realizada porque ela é a identidade do super-homem. Este é o indivíduo que goza da saúde e da força resultantes da sua virtude e fidelidade, tal como relacionadas acima. Nesses termos, a cura do indivíduo, cuja doença é um reflexo da cumplicidade entre o capitalismo e a barbárie, deve acontecer por meio da sua transformação em super-homem levando-o a se enraizar na terra.

O super-homem, que é o sentido da terra, é igualmente aquele que se busca em suas próprias superações criadoras, que são como um fogo no qual ele entra a fim de se purificar e se tornar criança. A fidelidade à terra é loucura e nessa loucura há muita solidão. O reencontro com a terra exige uma renovação. Por isso, “tens de querer queimar em tua própria chama: como te renovarias, se antes não te tornasses cinzas? (NIETZSCHE, 2011, p. 62). Queime o que em ti ainda te mantém pequeno, doente, impuro, idólatra! É preciso que te tornes um médico capaz de curar a ti mesmo. Ou seja, para o indivíduo sair da sua crise, reconciliando-se com o sentido humano da terra, ele deve passar pela solidão daquele que, para se autocriar, necessita antes aprender a desprezar o que nele é repugnante, venenoso, gregário e catastrófico. Esse aprendizado deve ser propiciado pela educação, mas a educação capaz de fazê-lo é aquela que não somente levou o

sentido da terra para dentro da sala de aula, mas que também conseguiu revelar e transformar em matéria pedagógica e formadora o sentido anticapitalista e antifascista da própria terra. Contra o impulso infértil, distópico e apocalíptico do capitalismo e do fascismo, a terra é promessa de vida e de continuidade, de crescimento e de fecundidade, de força e de virtude, de cura e de saúde.

CONSIDERAÇÃO FINAIS

Vimos que, em grande medida, a educação possui atualmente uma tarefa simbolicamente medicinal. Neste sentido, para se estabelecer e atuar satisfatoriamente, ela não pode prescindir da ideia de cura, uma vez que é evidente o espraiamento social de uma crise gestada por fenômenos autofágicos – o capitalismo e o fascismo, por exemplo – que impõem e naturalizam a autofagia como socialização. Nesses termos, vimos também que a educação, denunciando a atuação da barbárie intrínseca ao processo civilizatório, deve levar à sociedade a consciência da sua dinâmica e dos seus elementos autofágicos, para que ela possa encontrar um equilíbrio e um modo de se preservar sem se tornar cúmplice de extinções ou de formas bárbaras de desaparecimento. Por fim, ao refletirmos como a educação deve se configurar e atuar num momento crítico em que se apresenta uma ameaça radical de ruptura social, percebemos que, de agora em diante e para não se desvirtuar, ela deve restaurar o elo entre a humanidade e a Terra, promovendo a consciência social da identidade terrena do indivíduo humano, que definitivamente precisa entender que, sem esse elemento telúrico que o identifica, ele irá enfraquecer, se tornar pequeno e suscetível a crises. Nessa tarefa e nessa forma de atuação encontramos hoje o sentido e o futuro da educação.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. Antissemitismo e propaganda fascista. *In: Ensaios sobre psicologia social e psicanálise*. Tradução Verlaine Freitas. São Paulo: Editora Unesp, 2015a.

ADORNO, Theodor W. Teoria freudiana e o padrão da propaganda fascista. *In: Ensaios sobre psicologia social e psicanálise*. Tradução Verlaine Freitas. São Paulo: Editora Unesp, 2015b.

ADORNO, Theodor W. Educação após Auschwitz. *In: Educação e emancipação*. Tradução Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010a.

ADORNO, Theodor W. O que significa elaborar o passado. *In: Educação e emancipação*. Tradução Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010b.

ADORNO, Theodor W. Educação – para quê? *In: Educação e emancipação*. Tradução Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010c.

DOI: [10.25244/tf.v16i2.6036](https://doi.org/10.25244/tf.v16i2.6036)

O que a educação deve fazer diante da crise?

MANTOVANI, Harley Juliano

ADORNO, Theodor W. A educação contra a barbárie. *In*: **Educação e emancipação**. Tradução Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010d.

BERNARDO, João. **Labirintos do fascismo**: na encruzilhada da ordem e da revolta. Porto: Edições Afrontamento, 2015.

KONDER, Leandro. **Introdução ao fascismo**. Rio de Janeiro: Edições do Graal, 1977.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Tradução Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya; revisão técnica de Edgard de Assis Carvalho. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000.

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falou Zaratustra**: um livro para todos e para ninguém. Tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.